

Depot/DF  
2107/02  
17.10.02

**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN**  
**2ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL – 2ªSR/IPHAN**



**PARECER TÉCNICO**

Trata-se de parecer técnico relativo a instrução do Processo de Registro da **Arte Kusiwa, pintura corporal e arte gráfica Wajãpi**, instaurado por ordem do Senhor Presidente do IPHAN, Dr. Carlos Henrique Heck, em atenção à solicitação encaminhado ao Ministro da Cultura, pelo Conselho das Aldeias Wajãpi – APINA, sediado na cidade do Macapá, AP.

O Material encaminhado é formado por um catálogo intitulado: “**Kusiwa: Pintura Corporal e Arte Gráfica Wajãpi**” e por vídeo denominado: “**Expressão Gráfica e Oralidade entre os Wajãpi do Amapá**”. Em ambos, estão descrita a **Arte Kusiwa**, denominação dada a sua manifestação artística.

Segundo a antropóloga Dominique Tilkin Gallois<sup>1</sup>, os Wajãpi foram “*mencionados durante o século XVII nas imediações da “volta grande” do baixo rio Xingu (Altamira), numa região também ocupada pelos povos Juruna, Kuruáia e Pacajá. No início do século XVIII, iniciaram movimento migratório que os levou, gradativamente, à região que ocupam atualmente. No intermédio, teriam estacionado em aldeamento missionários estabelecidos no baixo rio Paru, à margem norte do Amazonas. Dali, partiram para uma nova migração, em busca de refúgio, até a região de cabeceiras dos rios Jari e Oiapoque, onde vivem hoje*”.

Dentre os vários documentos que citam os Wajãpi, podem-se encontrar diversas formas de se grafar o nome, tais como: Guaiapi, Wajãpi, Wayampi, Oyampí e Wayãpy. O lingüista Greg Urban, filia os Wajãpi ao grupo Tupi-Guarani principal família lingüística do grupo Macro-Tupi. O referido autor, estabelece que os grupos da família Tupi-Guarani teriam iniciado a sua expansão territorial por volta de 3 ou 2 mil anos antes do presente, sendo que parte desta expansão teria ocorrido em datas ainda mais recentes, pois, acredita que os Wajãpi, juntamente com os Tapirapé e Tenethara, teriam atravessado o Amazonas e chagado ao norte do Brasil e às Guianas, possivelmente antes do ano 1000.<sup>2</sup>

Mesmo tendo sido descritos em alguns documentos dos séculos XVII, XVIII e XIX, oficialmente, os Wajãpi, só foram contactados pela FUNAI em 1973, durante os trabalhos de abertura da Rodovia Perimetral Norte. Suas terras foram demarcadas e reconhecidas pela FUNAI, como Terra Indígena – TI, em 1991, possuindo uma área de 583.000 há.. Esta TI, possui 13 aldeias e é cortada pela BR 210.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> GALLOIS, Dominique Tilkin. **Mairi Revisitada. A reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral Waiãpi**. São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1994. – (Estudos), pág. 10.

<sup>2</sup> URBAN, Greg. A História da cultura Brasileira segundo as línguas nativas. In, CUNHA, Manuela (Org.). **História dos índios do Brasil**, 2.<sup>a</sup> Ed., São Paulo: Companhia das Letras: SMC: FAPESP, 1992. pp. 87 - 102.

<sup>3</sup> GALLOS, Dominique Tilkin, Op. Cit., pág. 9.

*[Handwritten signature]*

Em 1999, foi realizado recenseamento dos índios Wajãpi, que localizou no território brasileiro 525 indivíduos e na Guiana Francesa, 412 indivíduos<sup>4</sup>.

Desde 1992, os índios Wajãpi recebem apoio de várias instituições nacionais e internacionais, tais como: GTZ (Sociedade Alemão de Cooperação Técnica); RFN (RainForest da Noruega/ Operação OD); NEI/AP (Núcleo de Educação Indígena do Amapá) e do Projeto Integrado de Proteção às Terras e Populações Indígenas da Amazônia Legal Brasileira / FUNAI. Algumas destas instituições têm desenvolvido, desde o ano de 1992, programas de educação que visam a capacitação de jovens indígenas para o controle das escolas e enfermarias das aldeias, como também, para a recuperação ambiental e o desenvolvimento de alternativas produtivas. Fato este, que contribuiu com uma maior participação dos próprios Wajãpi como elemento participativo na defesa de sua cultura, frente as pressões territoriais que sofrem, tais como os garimpos e desmatamentos.

No entanto, Dominique T. Gallois, acredita que *“a dependência em relação à assistência sanitária levaram os Wajãpi à muitas transformações em seu modo de vida.”* ... *“A acomodação à novas dependências não inviabilizou, portanto, a manutenção dos padrões básicos da organização social Wajãpi, caracterizada pela independência política e econômica dos grupos locais (wanako), um sistema que eles desejam manter e sobre o qual se funda sua autonomia cultural”*.<sup>5</sup>

Assim sendo, o trabalho da antropólogos da USP, demonstra que a sociedade Wajãpi, obrigatoriamente teve que adotar elementos culturais do mundo contemporâneo, dito “civilizado”. Com isto, pôde não só se impor aos demais grupos humanos, delimitando seu espaço territorial, como também, pôde expor suas manifestações culturais milenares. Por isto, o instrumento documental, compilado pelos Wajãpi, é o reflexo desta necessidade de demonstrar e apresentar ao mundo uma das variantes culturais de seu povo, a arte gráfica, denominada como **Arte Kusiwa**.

Objeto de estudo da Antropologia e mais especificamente da Etnologia, os estudos científicos sobre pintura corporal indígenas no Brasil, foram praticamente iniciados no mesmo ano do primeiro contato oficial com os Wajãpi. VIDAL & MÜLLER nos informam que: *“Efetivamente, pouco havia sido feito até então. Missionários salesianos (Giaccaria & Heide 1972; Albiesetti & Venturelli 1962) documentaram a pintura e a ornamentação corporal, respectivamente, dos Xavante e Bororô. Tratamento igualmente descritivo se encontra em estudos monográficos, como o de Grünberg (1970:104/105) sobre os Kayabí; Frikel (1973:313/319) sobre os Tiryó; Furest (1964) sobre os Xikrin”*.<sup>6</sup> VIDAL & MÜLLER ainda relatam que anteriormente a estes trabalhos, a pintura corporal indígena havia sido alvo de estudos sociológicos de Boggiani (1945) e Levi-Strauss (1955). Darcy Ribeiro (1951) tratou sobre a Arte Kadiwéu. Nas três primeiras décadas do século passado, Curt Nimuendaju também efetuou descrições sobre pintura corporais de vários grupos indígenas do Brasil, porém seus trabalhos se focaram muito mais no hemisfério simbólico que o gráfico.

São também merecedores de nota os registros de pintura corporais efetuados pelos naturalistas do século XIX, tais como Spix & Martius, Debret, Hercules Florence, Wied-Neuwid, E. Goodall e Aimé-Adrien Taunay. No século XVII, poucos viajantes descreveram as pinturas corporais, dentre ele podemos destacar Hans Staden que desenvolveu descrição sobre sua convivência com os Tupinambás e o pirata francês Jean de Léry que, também teve sua atenção apreendida pela pintura corporal.

<sup>4</sup> GALLOIS, Dominique T. Instituto Socioambiental, In: [WWW.socioambiental.org](http://WWW.socioambiental.org) (meio digital).

<sup>5</sup> GALLOIS, Dominique T. . 1994. Op. Cit., pág. 10.

<sup>6</sup> VIDAL, Lux e MÜLLER, Regina A. Polo. Pintura e adornos corporais. In RIBEIRO, Darcy (Editor). SUMA – Arte Índia, Vol. 3, pág. 120.

AM

Portanto, podemos perceber que tanto para os primeiros colonizadores e naturalistas, quanto para os pesquisadores contemporâneos a arte pictórica indígena, mesmo tendo sido alvo de descrições, só é acessível quando vislumbrada a partir de um grupo específico, como é o caso dos Wajãpi. Só através da relação entre as técnicas e as temáticas, pode-se acessar parte do imaginário cultural de um grupo.

É importante notar que, a **Arte Kusiwa** apresenta-se como um sistema de comunicação visual, uma vez que a ornamentação do corpo, ou mesmo, a ornamentação dos itens materiais da cultura, tais como: cestaria, cerâmica e utensílios de madeira, são transmitidos através da oralidade ou simplesmente através da observação. Este processo de transmissão e aprendizagem está diretamente ligado as posturas de cada momento, ou seja, ao código de conduta. Pois, os distintos gêneros orais e ritualísticos, expressam suas funções específicas, que sejam, narração, agressão, luto, festejos, manifestações espirituais ou qualquer outra situação. Estas condutas, possuem seus fins e objetivos próprios e portanto são expressas através de desenhos e repertório distintos.

Isto posto, percebe-se que, a riqueza mítica Wajãpi é capaz de explicar todo o processo de criação do mundo até o presente. Incluindo questões como: o surgimento do mundo natural, o tempo, e até mesmo sobre o surgimento do elemento branco em sua história.

Outro indicativo que ainda pode ser observado na **Arte Kusiwa**, é a relação entre a pintura corporal e os objetos ornamentais, tais como: pulseiras, brincos, arte plumária e demais acessórios. A pintura corporal sempre está acompanhada destes elementos. Da mesma forma, deve-se procurar descrever a relação entre a arte gráfica e os distintos suportes, tais como: cestaria, materiais de madeira e cerâmica. Objetos que também possuem suas funções específicas e possivelmente também norteiam o elemento gráfico. Um bom exemplo, é a distinção ente a cerâmica utilitária e a cerâmica ritualística, possuidoras de variáveis gráficas também em função de sua morfologia. Sendo portanto necessário, incluir no registro descrição mais detalhada destes elementos e suas reais funções sobre a prática gráfica da **Arte Kusiwa**, já que, podem comportar-se com elementos modeladores ou simplesmente como bem associado.

Por fim, por ser tratar de uma prática que remete a universo simbólico milenar, por ser uma prática agregadora dos sentidos e significados legítimos da cultura local, acreditamos que a **Arte Kusiwa** é merecedora de ser inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão como Bem Cultural de natureza imaterial.

Belém, 16 de outubro de 2002

  
Luiz Severino da Silva Jr.  
Superintendente Regional - 2ºSR/IPHAN

